



## Artigos/Articles

### O problema do espaço semiótico: articulações para os estudos de linguagem e mobilidade

*The issue of the semiotic space: articulations for studies on language and mobility*

Amanda Diniz Vallada<sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo explora a relação entre linguagem, mobilidade e espacialidade, destacando como o espaço é central para a produção de significado e a mobilização de recursos semióticos. Inicialmente, o artigo examina criticamente como os estudos de linguagem e sociedade têm abordado o espaço, revisitando essa noção em campos como a Sociolinguística, a Linguística Aplicada e a Antropologia Linguística. Desse modo, o artigo investiga como as abordagens dialetológicas, que associam variedades linguísticas a territórios fixos, contrastam com abordagens contemporâneas, como a sociolinguística da mobilidade (Blommaert, 2010), que enxergam o espaço como dinâmico e transformado pela mobilidade. Em um segundo momento, o artigo enfoca a noção de “repertórios espaciais” (Pennycook & Otsuji, 2015), profícua para observar como práticas comunicativas emergem das interações espaciais entre recursos humanos, materiais e semióticos. O artigo destaca que o espaço é produzido, vivenciado e contestado nas dinâmicas da vida social material (Povinelli, 2011, 2016, 2021) e, portanto, agente ativo e relacional na construção de significado, formando repertórios dinâmicos que são construídos ao longo das trajetórias de mobilidade e interação, reforçando a importância dessas dinâmicas para compreender o papel do espaço nas práticas linguísticas.

**Palavras-Chave:** espaço, mobilidade, globalização, repertórios espaciais.

<sup>1</sup> Universidade Federal de Goiás (UFG), Goiânia, GO, Brasil. Bolsista CAPES de doutorado (PROEX). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5512-6087>. E-mail: [amandavallada@hotmail.com](mailto:amandavallada@hotmail.com).

## ABSTRACT

---

*This article explores the relationship between language, mobility and spatiality, highlighting how space is central to meaning-making and the mobilization of semiotic resources. Initially, the article critically examines how language and society studies have approached space, revisiting this notion in fields such as Sociolinguistics, Applied Linguistics and Linguistic Anthropology. In this way, the article investigates how dialectological approaches, which associate linguistic varieties to fixed territories, contrast with contemporary approaches, such as the sociolinguistics of mobility (Blommaert, 2010), which see space as dynamic and transformed by mobility. In a second stage, the article focuses on the notion of “spatial repertoires” (Pennycook & Otsuji, 2015), a productive concept for observing how communicative practices emerge from spatial interactions between human, material, and semiotic resources. The article highlights space as an active and relational agent in the construction of meaning, forming dynamic repertoires built along trajectories of mobility and interaction, reinforcing the importance of these dynamics for understanding the role of space in linguistic practices.*

**I Keywords:** *space, mobility, globalization, spatial repertoires.*

### 1. Introdução

Os estudos sobre linguagem e mobilidade, diversificados em termos de enfoque e objetos de análise, têm em comum o fato de estarem inseridos no paradigma da espacialidade. Quer tratem da mobilidade humana em sua manifestação migratória (Keating, 2005; Pinto, 2018), quer estejam interessados no movimento de recursos materiais e semióticos (Kell, 2015), a espacialidade torna-se alvo de atenção à medida que se percebe como o espaço é profundamente relevante na produção de significado, permitindo certos significados e restringindo outros, atuando ativamente na distribuição de recursos, repertórios, artefatos e pessoas.

A partir disso, tem-se já como estabelecido para uma certa literatura de Antropologia Linguística, Sociolinguística e Linguística Aplicada que o espaço é semiótica e performativamente constituído, sempre propiciando ou restringindo certas atividades e práticas à medida que é ele mesmo constituído por atividades e práticas. Além disso, é marcante no paradigma da espacialidade a possibilidade de questionar concepções modernas de língua, comunidade e suas relações com o Estado-nação e a cognição humana (Canagarajah, 2017).

Foi já há quase quinze anos que Jan Blommaert (2010) declarou que um robusto entendimento teórico sobre espaço seria um dos desafios para uma sociolinguística da mobilidade. O paradigma da sociolinguística da mobilidade se concentra na linguagem em movimento, especialmente no que diz respeito a recursos que mediam a interação entre várias camadas de tempo e espaço, uma

vez que surge a partir dos desdobramentos da globalização – que, embora não seja um fenômeno recente, é nova em termos de discurso e metáforas explicativas, bem como em desdobramentos geopolíticos e socioculturais (Blommaert & Dong, 2010; Jacquemet, 2016).

Certamente, a constituição heterogênea do espaço no liberalismo tardio é marcante nas trajetórias de mobilidade, formando “espaços atulhados” (Povinelli, 2016) por recursos variados em termos de valor, semioses, origens, propósitos, matéria etc. Entender a conjuntura neoliberal “como uma série de lutas num terreno social irregular permite-nos ver como estes espaços heterogêneos proporcionam as condições para novas formas de sociabilidade e para novos tipos de mercado e instrumentos de mercado”<sup>2</sup> (Povinelli, 2011:17). Desse modo, temos um cenário globalizado marcado pela distribuição irregular e desigual de acesso, emprego e controle de recursos.

Na realidade, a própria trajetória migratória é produto de fatores contingenciais do liberalismo tardio, que operam num jogo de forças que atraem e impelem o sujeito migrante. Fatores como falta de oportunidades de trabalho qualificado na área de formação promovem uma chamada “fuga de cérebros”, isto é, impelem cientistas que emigram para exercer a profissão; do outro lado, há melhores condições econômicas e trabalhistas que atraem essas pessoas para um determinado lugar. No entanto, muitas vezes o movimento migratório pode ser involuntário, motivado por forças que somente impelem à circulação populacional, como situações de guerra e perseguição étnica ou religiosa. Trata-se de mecanismos que canalizam os fluxos migratórios de maneiras proveitosas aos interesses liberais – certas pessoas são canalizadas a certos espaços e certas trajetórias são permitidas e preferidas (alguns trabalhos em localidades específicas), enquanto outras são preteridas (circulação de refugiados).

Haja vista o desafio do espaço para a sociolinguística da mobilidade, este artigo se propõe a colocar em diálogo a literatura sobre mobilidade, globalização e linguagem para entender o papel do espaço na interação entre pessoas e recursos variados (semióticos, artefatuais, linguísticos), atentando à emergência daquilo que Alastair Pennycook e Emi Otsuji (2015) denominam repertórios espaciais – um conceito útil para a investigação da totalidade de recursos disponíveis a nós em um dado espaço semioticamente situado.

Nesse sentido, retomo neste texto uma reflexão iniciada durante o debate com Elizabeth Povinelli na ocasião do *Workshop Semiotics after Geontopower*, realizado em abril de 2024 na Universidade Federal de Goiás, em Goiânia, e me esforço em direção a cumprir o que Mike Baynham e James Simpson (2024) elencaram como uma das possibilidades produtivas da Linguística Aplicada para

---

<sup>2</sup> No original: “as a series of struggles across an uneven social terrain allows us to see how these heterogeneous spaces provide the conditions for new forms of sociality and for new kinds of markets and market instruments”.

os estudos sobre linguagem e migração: o entendimento sobre o espaço diaspórico multilíngue.

No intuito de compreender como se dá a emergência de recursos em interações espaciais e como a mobilidade de recursos constitui o espaço socio-semiótico, este ensaio se propõe a uma revisão crítica da noção de espaço na literatura dos estudos de linguagem e sociedade, distribuídos pelas áreas de Sociolinguística, Linguística Aplicada e Antropologia Linguística. A isso corresponde a seção 2, onde procuro entender como (e se) os trabalhos desses campos afins vêm lidando com o espaço. Em seguida, na seção 3, teço articulações entre os trabalhos do paradigma da espacialidade dos estudos linguísticos para lidar com a mobilidade de recursos semióticos na globalização corrente, destacando a produtividade da ideia de repertórios espaciais.

## 2. O lugar do espaço nos estudos de linguagem e sociedade

Se por um lado, a noção de espaço é fundamental para os recentes estudos sobre linguagem, mobilidade e globalização, por outro, o espaço tem sido há muito evocado pela Sociolinguística para compor análises dialetológicas de variação linguística. Na Dialetologia nascida no século XIX no contexto europeu da formação dos Estados-nação modernos e perpetuada até os estudos dialetológicos contemporâneos, a geografia de uma determinada região é fundamental para explicar e correlacionar a predominância de certas formas linguísticas em detrimento de outras (Pinto, 2013), sugerindo que “fatos físicos sobre onde falantes estão localizados/as ou de onde eles/elas vêm têm um papel predominante nos processos que interessam a dialetologistas e outros/as linguistas”<sup>3</sup> (Johnstone, 2011: 205).

Empregando ferramentas metodológicas e um quadro teórico-analítico ineficiente “diante das mudanças irreversíveis no mundo contemporâneo” (Pinto, 2013: 140) manifestas pela mobilidade de pessoas que sempre marcou a história da humanidade e que hoje se acelera como produto de fatores (sociais, políticos, ambientais etc.) consequentes do liberalismo tardio (Canagarajah, 2017; Povinelli, 2021), a Dialetologia procura pela produção linguística de falantes que pouco se deslocam, relativamente fixos na região estudada ao longo de sua história de vida, uma vez que estão à procura da linguagem “mais autêntica” de um lugar (isto é, menos influenciada por mobilidade), o que acaba por encorajar a ideia disseminada de que variedades geográficas se separam por fronteiras bem delimitadas (Johnstone, 2011). Nesse sentido, proponho chamar de *ideologia linguística da territorialização* a associação dialetológica entre um espaço físico delimitado e uma variedade linguística ou língua nacional.

---

<sup>3</sup> No original: “physical facts about where speakers are located or where they are from play a dominant role in the processes dialectologists and other linguists are interested in”.

Esse regime metadiscursivo não é apenas senso comum, é também basilar da Linguística moderna, conforme já bastante debatido por outros autores e autoras (cf. Bauman & Briggs, 2003; Canagarajah, 2017; Pinto, 2013; Pratt, 2013), uma vez que

os discursos dominantes da modernidade promoveram paradigmas que pressupunham territorialização, estrutura e estabilidade. Eles foram influenciados por desenvolvimentos geopolíticos como a formação do Estado-nação, a propriedade privada e a colonização que tinham interesse em fixar comunidades e indivíduos em locais e identidades específicas, apesar (ou por causa) da crescente mobilidade desencadeada pelas mudanças tecnológicas.<sup>4</sup> (Canagarajah, 2017: 6)

A divisão dialetal regional é talvez a associação mais tradicional quando pensamos na relação linguagem e espaço estudada pelos estudos linguísticos, mas, como bem lembra Barbara Johnstone (2011), esse tipo de associação é mais relacionado a lugar do que a espaço propriamente dito. *Espaço* incita uma historicidade de transformações, ações e práticas sociais, sendo repetidamente construído e desconstruído, feito e refeito através das interações dinâmicas entre sistemas de objetos e sistemas de ação, nos termos de Milton Santos (2006), ou entre um arranjo emergente ou residual entre humanos e mais-que-humanos, nos termos de Povinelli (2021). *Lugar*, por sua vez, seria a instanciação do espaço em menor escala, um ambiente de compartilhamento horizontal de valores e significados coletivos e individuais onde aconteceria propriamente a construção de relações, experiências e memórias humanas.

O trabalho com a categoria de espaço, portanto, coloca em evidência as relações transformativas e emergentes entre humanos e não humanos nas práticas sociais que conferem sentido ao espaço – uma síntese dinâmica entre conteúdo social e forma espacial (Santos, 2006) –, ao passo que a categoria de lugar centraliza o aspecto humano, visto que “o lugar é criado por seres humanos para propósitos humanos” (Tuan, 2018: 14).

Isso leva a insistir no pressuposto de que o espaço (e sua vivência) seja uma equação dada pela morfologia e pelos diferentes sentidos que ela é capaz de veicular e condicionar. Construídos socialmente, os sentidos e significações da organização do espaço são sempre tributários de um universo relacional: da relação entre coisas espacialmente distribuídas, da relação entre os objetos e suas funções, da relação entre esses objetos e as práticas que aí tem lugar, dos lugares com as coisas e aí sucessivamente. (Cabral, 2007: 145)

---

<sup>4</sup> No original: “The dominant discourses of modernity promoted paradigms that assumed territorialization, structure, and stability. They were influenced by such geopolitical developments as nation-state formation, private property, and colonization which had an interest in fixing communities and individuals in particular locations and identities despite (or because of) the increasing mobility unleashed by technological changes”.

Desse modo, entende-se por quê Johnstone (2011) afirma que a dialetologia mobiliza a categoria de lugar e não de espaço, uma vez que a esses estudos não interessam as transformações dinâmicas relacionais de espaço motivadas pela interação incessante entre ambiente e pessoa, mas sim a dimensão humana da ocupação de uma área geográfica delimitada. Ou seja, o campo dos estudos da linguagem mais conhecido por lidar com espaço, lida, de fato, com lugar<sup>5</sup>.

Em contrapartida, há estudos da linguagem sobre o espaço voltados às dinâmicas que se transformam relacionamente e constituem o espaço, focalizando, dentre várias outras questões, a interação espacial entre matéria humana e outras matérias na produção de significado, a mobilização espacial de identidades diante das dinâmicas da globalização, os usos de referências espaciais no discurso narrativo e a construção de repertórios biográficos espaciais (Blommaert, 2010; Blommaert & Dong, 2010; De Fina, 2009; Pennycook, 2018; Pennycook & Otsuji, 2015; Scollon & Scollon, 2003).

Trabalhos como esses citados acima compartilham um escopo de orientação espacial e entendem que faz parte da prática comunicativa todo tipo de *affordances* materiais e sociais, tais como relações, objetos e artefatos. De fato, como aponta Suresh Canagarajah (2017, p. 14), estudos que se encontram no paradigma da espacialidade fazem do espaço o ponto de partida da análise ao considerar que “todos os recursos espaciais/circundantes são potencialmente entextualizados de maneiras complexas e sutis na emergência de significados”<sup>6</sup>.

Olhar para as relações entre espaço e construção de significado leva a uma adequação na nomeação das categorias que localizam essas dinâmicas. Nesse sentido, o livro *Globalizations and Language in Contact*, organizado por James Collins, Stef Slembrouck e Mike Baynham (2009), dedica uma de suas partes a textos que têm o espaço como ponto de partida e objeto de estudo, intitulada *Spatialization, Migration and Identity*. A adição de sufixo que confere sentido de ação ou processo ao lexema enfatiza tanto o caráter dinâmico e mutativo do espaço quanto sua atuação nas atividades comunicativas, realçando a “construção de significado como um processo emergente que estabelece

---

<sup>5</sup> Isso se levamos em conta a distinção construída aqui entre essa duas categorias (lugar e espaço). Porém, a literatura linguística crítica sobre os estudos dialetológicos ou variacionistas de lugar tem lidado com essa distinção de diferentes maneiras, como, por exemplo, a distinção entre espaço horizontal e espaço vertical feita por Jan Blommaert e Jie Dong (2010) e entre espaço e domínio feita por Alastair Pennycook e Emi Otsuji (2015). Assim, também poderíamos dizer que a dialetologia se preocupa com o espaço horizontal ou com domínio (monolítico, sem dinamicidade ou transformação). Além disso, é válido lembrar que Christina Higgins (2017) diz que nas pesquisas em Linguística Aplicada, as categorias de espaço e lugar frequentemente se combinam, sendo usadas de modo intercambiável.

<sup>6</sup> No original: “all the environmental/spatial resources as potentially entextualized in complex and subtle ways into the emergence of meanings”.

articulações únicas com os diferentes contextos a que é incorporado”<sup>7</sup> (De Fina, 2009: 111).

A perspectiva da espacialização é produtiva em dois sentidos. Primeiro, entender o espaço como um processo de atividade humana desestabiliza noções estáticas de que um espaço se associa a uma linguagem (Higgins, 2017), desafiando a ideologia linguística da territorialização. Segundo, a espacialização orienta o olhar analítico a considerar as possibilidades e mecanismos espaciais de produção, circulação e restrição de matéria semiótica, organizada num agregado semiótico de recursos convocados à interpretação e tensionados por forças centrípetas que concentram recursos num dado espaço e tempo social (Povinelli, 2021) – ao passo que outros recursos são tensionados por forças centrífugas que os distribuem a outros espaços e tempos (Pinto, 2020; Scollon & Scollon, 2003). Assim, recursos de diversas ordens e valorados diferencialmente compõem o agregado semiótico linguisticamente produzido e convocado na produção do espaço e compõem também a ordenação indexical explorada nas dinâmicas interacionais e na diferenciação sociolinguística (Blommaert, 2014; Pinto, 2020; Woolard, 2020).

Como sintetizam Jan Blommaert e Jie Dong (2010: 381), “espaços nunca são neutros, [...] eles sempre são o espaço de alguém e sempre contêm ordens de indexicalidade que produzem enquadres de inferência de sentidos sociais”<sup>8</sup>. Desse modo, orientações espaciais funcionam como coordenadas que ancoram localmente, numa interação espacialmente localizada, a indexicalidade da prática linguística, isto é, os sentidos sociais acionados, recuperados e projetados pelas formas da língua. Ao mesmo tempo, participam da construção dessas orientações mecanismos globalmente informados e projetados, porquanto elementos indiciais mudam em termos de valor e significado quando se movem pelo espaço (De Fina & Mazzaferro, 2022).

Para ilustrar as correlações entre o sentido indicial e o espaço, retomo aqui o exemplo empírico encontrado em Blommaert (2010) – uma loja de chocolates no centro de Tóquio, de nome “*Nina’s derrière*”. Avaliando o agregado semiótico composto, dentre outros aspectos, pela estilização gráfica da fachada, os preços elevados dos produtos a venda e a escolha de uma palavra francesa para nomear o estabelecimento, Blommaert interpreta que a aspiração da proprietária era dar um caráter chique à loja. Para isso, foi empregada uma palavra reconhecidamente francesa, mas com sentido denotacional estranho a um estabelecimento que vende chocolates.

A despeito das origens francesas da palavra *derrière*, esse signo não tem função linguística (denotacional) nesse contexto espacial, mas função semiótica.

<sup>7</sup> No original: “meaning construction as an emergent process that establishes unique articulations with the different contexts in which it is embedded”.

<sup>8</sup> No original: “spaces are never neutral, [...] they are always someone’s space and always contain orders of indexicality that provide frames for inferring social meanings”.

Em outras palavras, a qualidade francesa do signo (*frenchness*, como diz Blommaert) não é mobilizada em termos de sentido denotacional, senão em termos de sua função semioticamente emblemática, visto que indicia os valores sociais associados ao francês (recurso linguístico valorado).

Ao ser levado de um espaço onde há competência para a projeção linguística de sentidos aos signos (isto é, francês no caso da França) para um espaço onde tais competências não podem ser pressupostas (isto é, Japão), o signo se transforma de um signo linguístico a um signo emblemático.<sup>9</sup> (Blommaert, 2010: 31)

Como bem vemos nesse exemplo, o espaço é repleto de valores indiciais regulados por forças centrípetas que os fazem convergir a um centro. Nesse sentido, é interessante observar que as dinâmicas da globalização têm acelerado os mecanismos dessas forças, mobilizando localmente recursos globalmente diferenciados. Esse tráfego contempla, mas certamente não se limita a, o movimento de corpos ao redor do globo, e diz igualmente respeito a recursos linguísticos, semióticos, e materiais que atuam como objetos de junção que levam o significado a diferentes configurações espaciais conectadas em uma rede emaranhada (Kell, 2015) de discursos, pessoas e matérias.

Contrariamente à ideia de que o espaço é um cenário de objetos e pessoas fixas em seus lugares (ou ao pressuposto dialetológico de que o espaço é mais bem estudado e analisado se partirmos desse ponto de vista), o espaço é, na realidade marcado pela mobilidade, da qual participam recursos que são apropriados por pessoas em uma trajetória de configurações de espaço específicas para construir significado, e que se sedimentam em uma regulamentação indicial de valores e normas conforme a história de seus usos sociais (Canagarajah, 2017).

A sedimentação espacial dos recursos é o foco da próxima seção, onde continuaremos a tecer uma discussão sobre a espacialização nas dinâmicas da globalização, agora com atenção a seu papel na construção de repertórios espaciais.

### **3. Dinâmicas espaciais na formação do repertório biográfico: o repertório espacial em foco**

De certa forma, os estudos de linguagem e sociedade, mesmo as vertentes socialmente críticas, tratam o espaço como muitas vezes tratam a noção de contexto: um simples pano de fundo (Blommaert, 2008). Esse tipo de tratamento considera suficiente apenas descrever pré-empiricamente algum

---

<sup>9</sup> No original: "In moving from a space where people have sufficient linguistic competence to project linguistic functions onto the signs (e.g. France in the case of French) to a space where such competences cannot be presupposed (e.g. Japan), the sign changes from a linguistic sign to an emblematic one".

aspecto ou outro das circunstâncias espaciais de uma interação linguística, reservando observações analíticas apenas para os momentos em que o espaço (ou contexto) se faz denotacionalmente saliente na produção linguística estudada. A implicação desse gesto metodológico é a manutenção de concepções estáticas que ignoram o espaço como zonas de contato (Pratt, 1991) onde interagem recursos, práticas e pessoas de diferentes repertórios a construir coletivamente um repertório compartilhado (Canagarajah, 2017).

Ao longo de seus usos nos estudos linguísticos, desde o seu desenvolvimento nos anos 1960 com as contribuições iniciais de John Gumperz, a noção de repertório tem flutuado entre abordagens que destacam suas faces mais individuais e outras que destacam as mais coletivas. Em certas circunstâncias, destaca-se a ideia de repertório como a totalidade das formas linguísticas disponíveis na comunidade para serem apropriadas pelo indivíduo (Pennycook, 2018). Contudo, definições nessa direção dependem da utopia linguística de comunidade unificada (Pratt, 2013), de forma que as abordagens preocupadas em se afastar da linguística da comunidade foram trabalhando a noção de repertório até ela progressivamente ficar atrelada apenas ao indivíduo (Pennycook, 2018).

Tornar o indivíduo o eixo para lidar com repertório decerto tem suas implicaturas, e uma delas é deixar em segundo plano o papel da coletividade na formação do repertório, que passa a ser entendido como uma posse acumulada ao longo do tempo e dependente da competência individual em certos códigos ou línguas separadas. Porém, se nos livramos “da suposição de que os repertórios estão de alguma maneira ‘inseridos’ em línguas, em indivíduos, ou comunidades, [...] somos capazes de considerar os repertórios a partir de uma perspectiva mais dinâmica e dispersa”<sup>10</sup> (Pennycook, 2018: 8) – isto é, uma perspectiva mais apropriada a considerar as complexidades da globalização.

Esse esforço nos direciona a entender repertório “como um conjunto dinâmico e emergente de práticas, nas quais os recursos semióticos de que as pessoas dispõem são empregados em suas interações comunicativas cotidianas” (Nascimento, 2020: 5). Conforme tenho procurado demonstrar até aqui, os recursos semióticos que se organizam para a composição do repertório estão direta e profundamente associados às circunstâncias espaciais – que possibilitam, restringem e constroem o significado e as dinâmicas interacionais, haja vista que o espaço não é mero pano de fundo das interações linguísticas, mas as constitui e por elas é constituído. Nesse sentido, recorro à noção de *repertórios espaciais*, trabalhada por Alastair Pennycook e Emi Otsuji (2015) em

---

<sup>10</sup> No original: “the assumption that repertoires are somehow ‘within’ languages, individuals or communities, and instead see them as more widely distributed, we are also able to consider repertoires from a more dynamic and dispersed perspective”.

estudo etnográfico sobre práticas de linguagem em feiras-livre e restaurantes em contextos urbanos multilíngues nas cidades de Sydney e Tóquio.

Repertórios espaciais emergem da relação intrínseca entre práticas comunicativas e os espaços onde elas ocorrem, operando num jogo que tem por peças os recursos semióticos biograficamente construídos pelas pessoas em interação e as configurações espaciais, incluindo os recursos artefatuais e a história social das relações indiciais que compõem o espaço. Por um lado, os repertórios espaciais são, de fato, emergentes das dinâmicas locais que fazem interagir pessoas, artefatos, linguagem e espaço; por outro lado, essas dinâmicas se conectam a escalas mais amplas de fluxos globais de comunicação, mobilidade e cultura (Pennycook & Otsuji, 2015).

À medida que as pessoas circulam por diferentes espaços, levam consigo suas trajetórias biográficas de linguagem (Keating & Solovova, 2011), que interagem tanto com os recursos variados já sedimentados nesses espaços quanto com as trajetórias de linguagem das demais pessoas. Essa interação constrói a zona de contato que é o espaço, continuamente reconfigurado e reajustado a ritmos e configurações específicas, o que levam Pennycook e Otsuji (2015: 71) a qualificar o repertório espacial como “a totalidade de recursos disponíveis e potencialmente mobilizados”<sup>11</sup> nas práticas comunicativas.

Como observam Charles Goodwin e Marjorie Goodwin (2004), é importante considerar que a interação linguística muitas vezes não diz respeito a eventos centrados na fala, mas a outras atividades com propósitos e enfoques variados. Os recursos linguísticos, nesse sentido, não se sobressaem aos demais recursos mobilizados numa atividade, mas atuam de maneira coparticipativa conforme às circunstâncias espaciais de realização da ação.

A ideia de que a linguagem se manifesta à demanda da atividade modifica a compreensão das relações entre linguagem e vida social. Em vez de considerar a linguagem como um sistema independente das práticas sociais, essa perspectiva sugere que ela emerge das interações e necessidades concretas dos sujeitos em atividade. Trata-se, portanto, de uma virada ontológica que desloca o foco do sistema para a atividade (Pennycook, 2023).

A potência recursiva dos repertórios espaciais é bastante produtiva nessa virada e na globalização corrente, na medida em que o repertório não indicia (e nem depende de) um pertencimento a um espaço fixo ou único, mas indicia um itinerário de mobilidade (Jacquemet, 2016). A mobilidade é, assim, marca dos diversos recursos constituintes do espaço, os quais se deslocaram por diferentes configurações e que acumulam em seus itinerários as especificidades de seus espaços prévios, ao mesmo tempo em que projetam novas configurações e circunstâncias. “Todas/os nós habitamos espaços marcados e moldados pela

---

<sup>11</sup> No original: “the totality of linguistic resources available and potentially mobilized”.

mobilidade, ainda que algumas/alguns experienciem uma relativa imobilidade”<sup>12</sup> (Canagarajah, 2017: 22), pelo menos no que diz respeito a deslocamentos migratórios por em suas trajetórias de vida. De qualquer forma, artefatos variados, outras pessoas, objetos, recursos semióticos de diversos tipos são marcados pela circulação translocal.

Recentemente, a ideia de repertórios espaciais tem figurado o tratamento do que Pennycook (2023) chama de fato semiótico total (*total semiotic fact*). Decorrente do interesse de Michael Silverstein (1985) pelo fato linguístico total – formado pela interação entre formas linguísticas, pela atividade interacional e pelas ideologias linguísticas –, a noção de fato semiótico total representa a necessidade contemporânea de considerar recursos e fatores variados ao estudar o agregado semiótico.

Sem menosprezar a impossibilidade concreta de compreender um agregado semiótico em sua totalidade, o apelo ao fato semiótico total se traduz em termos de esforço teórico-analítico direcionado para o reconhecimento da complexidade sociolinguística das situações comunicativas (Blommaert, Spotti & Van der Aa, 2017). A ênfase na complexidade sociolinguística não pretende negligenciar o peso dos recursos linguísticos, mas entendê-los como imbricados em configurações mais amplas de recursos semióticos (Pennycook, 2023). Considerando que não é possível esgotar a constituição do agregado semiótico, trata-se principalmente de um movimento de reflexão sobre o que escolhemos deixar de fora de nosso interesse analítico e discussão teórica.

Enquanto constituinte do fato semiótico total, o repertório espacial diz respeito ao agregado situadamente construído e mobilizado por uma multiplicidade de recursos. Nas palavras de Povinelli (2021: 26), neste planeta marcado por diásporas e movimento radical, esses recursos despontam do

espaço diferencial de existência emaranhada forjado pelo colonialismo. Como resultado, as perguntas são sempre desde o início: que conceitos emergem dos espaços diferenciais; quem e o que ostentam a marca destes experiências; e que formas e práticas podem interferir no arranjo desses emaranhados?<sup>13</sup>

#### 4. Considerações finais

Os estudos sobre linguagem e mobilidade abordados sob o paradigma da espacialidade destacam a centralidade do espaço na produção de significados e na distribuição de recursos semióticos e humanos. A mobilidade, seja de

---

<sup>12</sup> No original: “All of us inhabit spaces marked by and shaped by mobility, though some may experience relative immobility”.

<sup>13</sup> No original: “differential spaces of the entanglement of existence wrought by colonialism. As a result, the questions are always from the beginning: what concepts emerge from the differential spaces; who and what bear the mark of these experiences; and what forms and practices can intrude on the arrangement of these entanglements?”.

peças, linguagens ou artefatos, desestabiliza as formas como compreendemos as interações entre linguagem e espaço, ao tornar evidente que este não é um cenário fixo mas uma “mutualidade material significativa”<sup>14</sup> (Povinelli, 2016: 69), bem como um processo em constante transformação e renegociação – dinamicidade expressa pela noção de espacialização (Fina, 2009).

No sentido de que o espaço é produzido, vivenciado e contestado nas dinâmicas da vida social material (Povinelli, 2011, 2016, 2021), este artigo se propôs a colocar em diálogo uma literatura sobre mobilidade, globalização e linguagem para entender o papel do espaço na interação móvel entre pessoas e recursos, atento à emergência de repertórios espaciais. Para isso, construí uma revisão crítica dos estudos de linguagem e sociedade no que tange ao tratamento do espaço, colocando sob discussão as concepções modernas de língua, comunidade e espaço, frequentemente relacionadas a ideais fixas e territorializadas, como observamos nos estudos da dialetologia. A globalização e mobilidade, no entanto, desestabilizam as utopias sobre a relação entre linguagem e espaço, fazendo circular recursos semióticos que sedimentam e se transformam espacialmente.

Um entendimento de mobilidade necessita, portanto, ser central em qualquer abordagem do espaço. [...] Isso se aplica tanto aos recursos linguísticos se movendo para dentro e fora dos lugares quanto aos movimentos dos recursos em tais lugares.<sup>15</sup> (Pennycook & Otsuji, 2015: 86)

A ideia de repertórios espaciais, como procurei demonstrar, surge como uma ferramenta produtiva, destacando que o repertório de uma pessoa não é fixo, mas continuamente moldado pelas interações em diferentes espaços e pela circulação de significados globais e locais. Essa visão dinâmica do espaço e do repertório linguístico permite uma compreensão mais adequada sobre como as práticas linguísticas e a espacialização mutuamente se informam nas trajetórias de mobilidade.

## Referências

BATISTA, T. E. 2022. *As muitas linguagens em guerra com o português: a língua-afeto entre mulheres negras quilombolas em luta com as ideologias linguísticas no contexto universitário*. 240 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás.

<sup>14</sup> No original: “signifying material mutuality”.

<sup>15</sup> No original: “An understanding of mobility therefore needs to be central to any such approach to space. [...] This applies both to the linguistic resources that move in and out of places and to the movement of resources within such places”.

- BAUMAN, R. & BRIGGS, C. 2003. *Voice of Modernity: language ideologies and the politics of inequality*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BAYNHAM, M. & SIMPSON, J. 2024. Language and migration. In: Wei, L.; Hua, Z. & Simpson, J. (orgs). *The Routledge Handbook of Applied Linguistics*. 2. ed., vol. 2. Abingdon: Routledge. 19-30.
- BLOMMAERT, J. 2008. Contexto é/como crítica (D. Silva & C. Dornelles, Trans.). In: Signorini, I. (org). *Situar a lingua[gem]*. São Paulo: Parábola. 91-115.
- BLOMMAERT, J. 2010. *The Sociolinguistics of Globalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BLOMMAERT, J. 2014. Ideologias linguísticas e poder. In: Silva, D.; Ferreira, D. & Alencar, C. (orgs). *Nova pragmática: modos de fazer*. São Paulo: Cortez. 67-77.
- BLOMMAERT, J., & DONG, J. 2010. Language and movement in space. In: Coupland, N. (org). *The Handbook of Language and Globalization*. Malden: Wiley-Blackwell. 366-385.
- BLOMMAERT, J.; SPOTTI, M. & VAN DER AA, J. Complexity, mobility, migration. In: Canagarajah, S. (org.). *The Routledge Handbook of Migration and Language*. Abingdon: Routledge. 349-363.
- CABRAL, L. 2007. Revisitando as noções de espaço, lugar, paisagem e território, sob uma perspectiva geográfica. *Revista de Ciências Humanas*, 41(1 e 2): 141-155.
- CANAGARAJAH, S. 2017. The nexus of migration and language: the emergence of a disciplinary interspace. In: Canagarajah, S. (org). *The Routledge Handbook of Migration and Language*. Abingdon: Routledge. 1-28.
- COLLINS, J.; SLEMBROUCK, S. & BAYNHAM, M. (orgs). 2009. *Globalization and Language in Contact: scale, migration and communicative practices*. Londres: Continuum.
- DE FINA, A. 2009. From space to spacialization in narrative studies. In: Collins, J.; Slembrouck, S. & Baynham, M. (orgs). *Globalization and Language in Contact: scale, migration and communicative practices*. Londres: Continuum. 109-128.
- DE FINA, A.; & MAZZAFERRO, G. 2022. Introduction. In: De Fina, A.; & Mazzaferro, G. (orgs). *Exploring (Im)mobilities: Language, Practices, Discourses and Imaginaries*. Bristol: Multilingual Matters. 1-14.
- DIAS, A. L. K. 2021. “Como fala?”: Construindo repertórios linguísticos em contexto de mobilidade estudantil transnacional. *Veredas*, 25(2): 45-67. <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2021.v25.35927>.
- DIAS, A. L. K.; PINTO, J. P.; & GONÇALVES, E. 2021. Linha da vida feminista e performatividade da esperança numa pesquisa etnográfica. *Revista Feminismos*, 9(1): 104-123.

GOODWIN, C. & GOODWIN, M. H. 2004. Participation. In: Duranti, A. (org). *A Companion to Linguistic Anthropology*. 2. ed. Malden: Blackwell. 222-244.

HIGGINS, Christina. 2017. Space, place and language. In: Canagarajah, S. (org.). *The Routledge Handbook of Migration and Language*. Abingdon: Routledge. 102-116.

JACQUEMET, M. 2016. Language in the Age of Globalization. In: Bonvillain, N. (org). *The Routledge Handbook of Linguistic Anthropology*. Abingdon: Routledge. 329-347.

JOHNSTONE, B. 2011. Language and Place. In: Mesthrie, R. (org). *The Cambridge Handbook of Sociolinguistics*. Cambridge: Cambridge University Press. 203-217.

KEATING, M. C. 2005. The person in the doing: Negotiating the experience of self. In: Barton, D. & Tusting, K. (orgs). *Beyond Communities of Practice: Language, Power and Social Context*. Cambridge: Cambridge University Press. 105-138.

KEATING, M. C., & SOLOVOVA, O. 2011. Multilingual dynamics among Portuguese-based migrant contexts in Europe. *Journal of Pragmatics*, 43(5): 1251–1263. <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2010.06.022>.

KELL, C. 2015. “Making people happen”: materiality and movement in meaning-making trajectories. *Social Semiotics*, 25(4): 423-445. <https://doi.org/10.1080/10350330.2015.1060666>.

NASCIMENTO, A. M. 2020. Repertórios linguísticos como índices biográficos: (auto)representações multimodais de estudantes indígenas através de retratos linguísticos. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, 20(1): 1-37. <https://doi.org/10.1590/1984-6398201914476>.

OCHS, E., & SCHIEFFELIN, B. 2012. The Theory of Language Socialization. In: Duranti, A.; Ochs, E. & Schieffelin, B. (orgs). *The Handbook of Language Socialization*. Malden: Wiley-Blackwell. 1-22.

PENNYCOOK, A. 2018. Repertoires, registers, and linguistic diversity. In: Creese, A. & Blackledge, A. (orgs). *The Routledge Handbook of Language and Superdiversity: an interdisciplinary perspective*. Abingdon: Routledge. 3-15.

PENNYCOOK, A. 2023. Toward the total semiotic fact. *Chinese Semiotic Studies*, 19(4): 595-613. <https://doi.org/10.1515/css-2023-2023>.

PENNYCOOK, A. & OTSUJI, E. 2015. *Metrolingualism: language in the city*. Abingdon: Routledge.

PINTO, J. P. 2013. Prefigurações identitárias e hierarquias linguísticas na invenção do português. In: Moita Lopes, L. P. (org). *Português no século XXI: ideologias linguísticas*. São Paulo: Parábola Editorial. 120-143.

PINTO, J. P. 2018. Corpo como contexto-de-ocorrência de metapragmáticas sobre o português em socializações de estudantes migrantes para o Brasil.

*Linguagem Em (Dis)Curso*, 18(3): 751-768. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-180305-do0518>.

PINTO, J. P. 2020. *A linguagem nas fronteiras do corpo em movimento: permeabilidade linguística da carne*. 121 f. Tese (titularidade) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás.

POVINELLI, E. 2011. *Economies of Abandonment: social belonging and endurance in late liberalism*. Durham: Duke University Press.

POVINELLI, E. 2016. *Geontologies: A Requiem to Late Liberalism*. Durham: Duke University Press.

POVINELLI, E. 2021. *Between Gaia and Ground: Four Axioms of Existence and the Ancestral Catastrophe of Late Liberalism*. Durham: Duke University Press.

PRATT, M. L. 1991. Arts of the Contact Zone. *Profession*, 33–40.

PRATT, M. L. 2013. Utopias Linguísticas. Tradução por André M. do Nascimento e Joana P. Pinto. *Trabalhos Em Linguística Aplicada*, 52(2): 437-459.

SANTOS, M. 2006. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

SCOLLON, R. & SCOLLON, S. 2003. *Discourses in Place: Language in the Material World*. Abingdon: Routledge.

SILVERSTEIN, M. 1985. Language and the Culture of Gender. In: Mertz, E.; Parmentier, R. (orgs.). *Semiotic Mediation*. Nova York: Academic Press. 219-259.

TUAN, Y. F. 2018. Lugar: uma perspectiva experiencial. *Geograficidade*, 8(1): 4-15. <https://doi.org/10.22409/geograficidade2018.81.a27150>.

WOOLARD, K. A. 2020. Language Ideology. In: Stanlaw, J. (org). *The International Encyclopedia of Linguistic Anthropology*. Malden: Wiley. 1-21. <https://doi.org/10.1002/9781118786093.iela0217>.